

A BELA VILA DAS MULHERES: DANÇAS, SANTOS E RITOS-1970-2000

Silviane Ramos Lopes da Silvaⁱ
Maria Adenir Peraroⁱⁱ

O artigo tem por objetivo apresentar algumas análises e reflexões a respeito da comunidade negra vilabelense e seus espaços de luta, delineados pela força feminina no âmbito dos espaços de Vila Bela. Para compreendermos um pouco melhor sobre essa comunidade tradicional, torna-se necessário passearmos pelo tempo... e narrar a respeito da criação de Vila Bela, e sua constituição enquanto comunidade negra.

Durante o século XVIII com a criação da capitania de Mato Grosso datada do ano de 1748, Vila Bela foi elevada à categoria de sede político-administrativa, tinham os agentes colonizadores intenções geo-políticasⁱⁱⁱ, de, manter a segurança da fronteira portuguesa em disputa com os espanhóis, assegurando desse modo, o território português às margens do Guaporé. Passados oito décadas, os representantes da coroa portuguesa, deixaram esse espaço de fronteira em mãos de maioria negra, antes escravos. Na re-territorialização de Vila Bela da Santíssima Trindade, constituiu-se uma comunidade negra, re-significando identidades.

Essa comunidade organizava-se de maneira muito própria, até a vinda dos migrantes sulistas com a frente de expansão da fronteira agrícola. Por conta da chegada do *outro*, os negros tiveram e ainda têm a recriar mecanismos e estratégias de resistência, diante de elementos estruturais externos que insistem em homogeneizar a conduta socio-econômica de Vila Bela desde 1970.

Visualiza-se no imaginário feminino em Vila Bela, a força da rainha Teresa, Benguela do grupo *Bantu*, que é sempre mencionada, nos relatos orais. Essa mulher guerreira que lutou e administrou um quilombo em prol dos negros, é a imagem da força ,

e símbolo feminino vilabelense. Teresa de Benguela^{iv}, mas conhecida como Rainha Tereza, durante o século XVIII, articulou um bem montado refúgio dos negros após assumir o comando do quilombo do Quariterê, exercendo grande controle e influência. Este quilombo devido a sua organização sobreviveu por um período considerável. No cotidiano vilabelense podemos observar estratégias de resistência bem articuladas, a comunidade preocupa-se em externar as identidades no período de realização da festa do Congo^v, que tem seus procedimentos organizados pelas mulheres. A importância dos ritos é fundamental na composição dessas estratégias de resistência, assim observar o cotidiano feminino, significa aprender os códigos e signos emitidos sobretudo pelas matriarcas^{vi}. Percebo os códigos nessa ritualização, e através da memória oral é possível escrever a história dessas mulheres com maior legitimidade, respaldada por fontes iconográficas e recortes de jornais.

Até a década de 1960, aproximadamente, o número de festas religiosas, rezas, e culto aos santos eram numericamente significativas, sendo alguns os santos de casa e os comunitários os mais reverenciados: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora Senhor Menino, do Carmo, Nossa Senhora da Boa Esperança, , Mãe de Deus, Nossa Senhora da Conceição, Senhor Divino, São Vicente, São Benedito e Três Pessoas. A partir da década de 1980, esses santos resume-se a três santidades, a de São Benedito, Senhor Divino e Três Pessoas, estas celebrações alocam-se no chamado período da festança. Ainda pode-se considerar como santos comunitários os seguintes: Santo Antônio, São João e São Pedro, uma vez que na época propícia, desses santos, toda a comunidade lhes presta homenagem. A memória das festas está intimamente ligada ao seus santos, e assim, nos narra a já falecida Matimiana:

... Íííí, a festa de santo nessa casa daí (mostra a casa em frente onde conversávamos), era animado, quem mais quem num queria vim nessa festa de Primo Ricardo (refere à festa de Jesus, Maria, José). Era animado! Dante tinha muito santo, algum tinha dois três. Como papai tinha Santo Antônio, Tio

Roque tinha, São Roque, tia Joana tinha Senhora da Piedade, essa Santa era de avó Germana mãe dele (...). Eu fui juíza de Nossa Senhora Piedade, meu juiz foi primo Ricardo. Era assim como festeiro que vai com o santo. Por exemplo, era aqui que é a reza né, e tem a juíza com o juiz vai vestir como lá prá longe, né. Aí, leva o santo, prepara, aí, de lá vem com ele. Tem algum vem com cururu cantando e outro vem de toque de sanfona. (...),^{vii}

As memórias sobre os santos passam pela memória das festas que fazem para eles, pois a comunidade não mede esforços para assumir as obrigações de outros membros da família para com o seu santo. A devoção ao santo não se encerra com a morte do devotante. Antes de morrer ele encarrega outro membro da família da responsabilidade de continuar rezando para o seu santo. Daí, explica-se o fato de uma pessoa ter mais de um santo de casa. A vida e a memória do povo de Vila Bela passam a ser marcadas por esses festejos religiosos. Segundo Brandão^{viii}, a importância que essas festas de santo têm nas cidades do interior do Brasil prende-se ao fato de, nesses lugares, as festas serem falas e memórias de tudo aquilo que não pode e não deve ser esquecido e, sim, deve ser lembrado e posto em evidência de tempo em tempo. Para o Autor, essas festas estão constantemente estabelecendo esses laços, da reprodução cultural nas comunidades tradicionais.

Apesar da presença dos brancos, nesse território negro, a comunidade continua articulando mecanismos que possam resultar em poder político, assumindo a administração da cidade, hoje comandada por brancos o que incomoda a comunidade no que tange as questões de identidade étnica. No ano de 1999, criou-se o Instituto Tereza de Benguela, que tinha como proposta oferecer um subsídio a organização dessa comunidade, entretanto o movimento está um tanto quanto desarticulado, por motivos estruturais, mas o que é externado ao público é que, essa continua sendo uma cidade de negros, comandada por negros, ainda que simbolicamente.

Esta é uma estratégia de sobrevivência para a comunidade, pois este discurso desperta o potencialidade turística dessa cidade, onde são comercializados os trabalhos artesanais femininos. As danças^{ix} e rituais também são fortes atrativos para a comercialização turística.

Nesse estudo, trato especificamente da resistência das mulheres negras, afirmando uma identidade marcada pelos conflitos interétnicos. Tendo um recorte temporal marcado pelas transformações sócio-econômicas dos anos de 1970 à 2000.

A história desta cidade e o imaginário que reforça a identidade da sua comunidade negra - como indicam o levantamento já realizados em arquivos^x, as narrativas de viajantes estrangeiros que, nos séculos XIX e inícios do XX passaram por Mato Grosso, os depoimentos de mulheres a que tive acesso, minhas memórias familiares e as informações contidas na bibliografia disponível sobre Vila Bela - tem a presença marcante das mulheres, a começar pela figura de Tereza de Benguela.

No imaginário dos negros vilabelenses a rainha negra do quilombo do Quariteré, é uma referência importante, que parece ter sido re-significada nos conflitos interétnicos que se instalam em Vila Bela a partir dos anos 1970, com a chegada da frente de expansão. Essa mulher guerreira, que lutou e administrou um quilombo em prol dos negros, simboliza para as mulheres da comunidade, a guerreira, imagem da força e símbolo de resistência feminina, Tereza tem uma história ainda por ser escrita, bem como, a Bela Vila das mulheres, tem muito a nos contar... sábias mulheres e belas histórias...é um passear nas lembranças... das danças, santos e ritos.

ⁱ Mestranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso.

ⁱⁱ Prof^a. Dr^a. do Programa de Pós- Graduação Mestrado em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

ⁱⁱⁱ A respeito das intenções geopolíticas da Coroa Portuguesa, ver obra do historiador: CANAVARROS, Otavio. O poder Metropolitano em Cuiabá(1727-1752).Edufimt, Cuiabá, 2004

^{iv} Como prova de sua resistência a Rainha preferiu a morte do que a voltar a ser escrava, suicidou-se após a destruição do quilombo. Símbolo de resistência feminina, Tereza, tem uma história ainda por ser escrita, e este trabalho vem proporcionar um estudo sobre o imaginário das mulheres negras de Vila Bela, associada as lutas e feitos dessa personagem imortalizada.

^v A festa do congo acontece anualmente, e para os negros vilabelenses, em especial para a as mulheres, esse é o momento de externar todas as resistências, e apresentar a um público considerável, essa organização, os rituais, as danças e seus santos. Sobre a tradição oral dessa comunidade ver dissertação de mestrado de LEITE, Acildo da Silva. *Uma Pedagogia da Oralidade: Os Caminhos da Voz em Vila Bela*. Dissertação de Mestrado- Cuiabá: IE, UFMT, 2002.

^{vi} As particularidades das festas, são os signos emitidos de uma matriarca para outra, no processo de organização da chamada festança, que exprime de maneira singular, anulando inclusive conflitos internos para o externar de sua identidades ao público visitante. Ver BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Território Negro em Espaço Branco* Estudo antropológico de Vila Bela. Ed., brasiliense, são Paulo, 1989, p. 183.

^{vii} Esse relato, é da Senhora Matimiana Francisca da Silva, uma das mulheres mais velhas da comunidade, já falecida.

^{viii} BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papirus, 1989, p.09.

^{ix} A dança do chorado é um ritmo, na qual somente as mulheres participam, fazendo uma homenagem aos tempos de quilombo, cumprimentando e dançando para seus santos, seus ancestrais. Essa dança também é um atrativo, pois as mulheres dançam com as garrafas sobre as cabeças, requebrando e equilibrando as garrafas com o KanJinJin, uma bebida, produzida pela próprias mulheres da comunidade.

^x Trata-se de uma documentação manuscrita do século XVIII, localizada nas latas do Arquivo Público de Mato Grosso, ainda nesse mesmo arquivo, compilei inúmeros recortes de jornais, nos quais foi possível perceber a significativa participação feminina na composição dessa identidade afro-descendente.